

# Os usos da memória no ensino de história

## O aluno atuando como historiador a partir da história oral

Isabela Lisboa Berté<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo tem por objetivo fazer a análise de um estudo de caso: o estágio com uma turma de oitava série, no Colégio Instituto de Educação Flores da Cunha. A atividade desenvolvida baseia-se na realização de entrevistas de história oral, pelos alunos, com amigos ou familiares, acerca do período da Ditadura Militar brasileira. O trabalho procura complementar o estudo do período citado, para isto, os alunos realizam uma análise crítica das entrevistas de história oral, a partir do conteúdo apreendido em aula. A atividade aborda a concepção da complexidade inerente ao estudo histórico, através compreensão da existência de apoiadores e opositores ao Regime Militar, assim como beneficiados e prejudicados por esse regime político. O estudo procura demonstrar a validade do uso da história oral enquanto metodologia de ensino, abordando o exercício de aprendizagem de questões teóricas do fazer histórico até o reconhecimento da memória de familiares como um conhecimento a ser valorizado.

**Palavras-Chave:** Ditadura Militar; História; História Oral; Memória;

### Abstract

This article will make the analysis of a case study. The training with an eighth-grade class at the College of Education Institute Flores da Cunha. The activity developed based on the achievement of oral history interviews, made by students with friends or family, about the period of military dictatorship in Brazil. The work complement the study of the period referred to this, students undertake a critical analysis of oral history interviews through from the content learned in class. The activity demonstrate the complexity inherent in the historical study, by understanding the existence of supporters and opponents of the military regime, as well as winners and losers in this political system. The study demonstrate the validity of the use of oral history as teaching methodology, learning theory of history and a recognition the memory of yours family.

**Keywords:** Military Dictatorship, History, Oral History, Memory.

Este artigo tem por objetivo fazer a análise de um estudo de caso: o estágio com uma turma de oitava série, no Colégio Instituto de Educação Flores da Cunha. A atividade desenvolvida baseia-se no uso da memória no estudo de história, através de entrevistas de história oral, realizadas pelos próprios alunos, com amigos ou familiares, acerca do período da Ditadura Militar brasileira.

O trabalho procura complementar o estudo do período citado em sala de aula, pois os alunos realizam uma análise crítica das entrevistas de história oral, a partir do conteúdo apreendido em aula. Levando à concepção da complexidade inerente ao estudo histórico, através compreensão da existência de apoiadores e opositores ao Regime Militar. Os alunos compreendem que o Regime Militar não foi um período das "trevas" que devemos esquecer, ao contrário, devemos lembrar para conhecer o que se passou há poucas décadas em nosso país. Principalmente através da compreensão que existiram setores de nossa sociedade que não só apoiaram, como se beneficiaram do Regime Militar.

Como referencial teórico para este artigo vou abordar a concepção de Pierre Nora acerca do lugar da memória em nossa sociedade atual. Segundo este autor, nossa sociedade passa por um momento de aceleração da história, em que a necessidade da mudança ocupa um papel central. O passado, frente a esta necessidade de mudança, não ocupa um local privilegiado, como em outras sociedades, onde a memória se configurava como o meio de lembrar o passado. Hoje a história trouxe para si este papel de preservar o passado, já que a memória não tem funcionado como uma prática social. No entanto, este passado perde em mobilidade e em identidade da sociedade com o que é lembrado ou esquecido.<sup>2</sup>

Para conceituar memória, Nora o contrapõe ao conceito de história. Em vista que a primeira possui uma mobilidade constante, já que é construída e reconstruída no presente e é carregada do conflito entre a memória e o esquecimento. Já a História é sempre uma construção problemática do que já se passou, e possui uma preocupação com o conhecimento que está sendo produzido.<sup>3</sup>

Este trabalho procura destacar a importância da memória para a história, pensando que a mesma traz a mobilidade, a vida e a mudança para o pensamento histórico; servindo para demonstrar a complexidade do passado, as diferentes visões e percepções de um mesmo período, podendo ser construtiva para o ensino de história. Outro aspecto, que é retomado por Nora, é que o velho perdeu em nossa sociedade o espaço de guardião da memória, pela falta de interesse de nossa sociedade com o passado. Sendo assim, a atividade de história oral, faz com que os alunos valorizem a vivência de seus familiares e se identifiquem com o passado recente de nosso país.

Acerca do uso do testemunho, como uma metodologia do ensino de história, Gabriela Rodrigues valoriza este recurso, em especial na abordagem da história do tempo presente: "O recurso testemunhal, a chamada história viva, aproxima este passado recente dos alunos".<sup>4</sup> Em especial nas questões como o nazismo ou no estudo das ditaduras militares da América Latina, apesar de serem temas delicados, o uso do testemunho tem maior potencial para sensibilizar o aluno. Afinal, temas como estes, demonstrados através de textos e números muitas vezes amenizam a brutalidade de certos acontecimentos históricos.

Quanto ao recurso da história oral, o aluno se aproxima da atividade do historiador e pode operar com noções da complexidade da produção de conhecimento histórico. Através da história oral, o aluno, assim como o historiador:

"[...] aproxima a construção de suas verdades do que é a essência da dinâmica histórica: a percepção de que as ideias e as coisas se operam em um ininterrupto processo de transição".<sup>5</sup>

O aluno pode ter contato com noções de teoria histórica, como a ideia de que o conhecimento histórico trabalha com diferentes tempos, pois parte sempre do presente para chegar ao passado. O estudo do passado é sempre uma construção realizada segundo as pretensões e possibilidades do presente.

### A turma e o conteúdo trabalhado

A atividade foi realizada com uma turma de oitava série do Instituto de Educação Flores da Cunha, durante o período do estágio obrigatório de ensino de história no ano de 2010 em Porto Alegre. Essa turma compreendia cerca de vinte e nove alunos, com uma representação igualitária de homens e mulheres, em uma faixa etária média de quatorze anos. Por ser um colégio público muito conhecido por sua qualidade de ensino e se localizar em uma região central da cidade, dentre os alunos, havia pessoas de diferentes classes sociais e de diferentes regiões da cidade.

Para compreender o conhecimento que os alunos adquiriram e que culminou como trabalho final na atividade de história oral, vou descrever brevemente algumas abordagens acerca do período estudado. Durante o estágio foram tratadas temáticas relativas à ditadura militar no Brasil, pensadas através de uma perspectiva de classes sociais. Trabalhei como a ditadura civil-militar brasileira contribuiu para acirrar ainda mais a desigualdade social no Brasil.

A perspectiva de que houve pessoas que se beneficiaram e outras que foram prejudicadas pelo regime militar, apareceu na discussão de certos conceitos como: milagre econômico, revolução e ditadura.

O primeiro conceito foi trabalhado em uma aula especial, que procurava mostrar as desigualdades no sistema capitalista, simulando o mercado brasileiro, através de dados do período cunhado pela ditadura militar como "milagre econômico". Em um primeiro momento explorei se os alunos compreendiam o conceito de milagre como algo positivo ou negativo, a resposta positiva é unânime. A partir de então trabalhei de forma fictícia com a introdução de muito dinheiro ao Brasil (através de empréstimos estrangeiros) e com a chegada de produtos elétricos (através de multinacionais). Parti para a distribuição desse dinheiro aos alunos (simulado com dinheiro de mentirinha), alertando que, em um sistema capitalista, a divisão nunca é igualitária.

Seguindo os dados do período, em 1970: 50,2% da população econômica ativa ganhavam menos de um salário mínimo; 28,6 ganhavam entre um e dois salários mínimos e 21,2 % ganhavam mais que dois salários mínimos.<sup>6</sup> Os alunos receberam salários de forma proporcional a estes dados, portanto, em uma turma com trinta alunos: quinze destes (50%) receberam menos que um salário mínimo,

nove alunos (30%) receberam um salário mínimo e seis alunos (20%) receberam quantias variadas, acima de dois salários. Com o dinheiro em mãos, os alunos deveriam adquirir suas compras no mini mercado, montado na sala de aula, com cestas básicas, mini cestas básicas e produtos elétricos.

O resultado é indignante para os alunos, em vista que a maior parte deles não pode nem comprar uma cesta básica, tendo acesso apenas os poucos produtos que vinham em uma mini cesta básica. Os produtos elétricos, dos quais havia falado no início da aula, ficavam restritos a poucos alunos, que haviam ganho salários maiores.

Finalizada esta parte da atividade, novamente perguntei a eles se acharam o milagre econômico algo positivo. Nesse momento a resposta foi diferente, em vista que para uma minoria, que tinha acesso aos produtos produzidos pelas multinacionais pode ter sido positivo. Enquanto a maior parte da turma teve os salários tão reduzidos que não tinham condições nem de adquirir uma cesta básica. Dessa forma, de que valeram os empréstimos e as empresas multinacionais que chegaram ao Brasil, se não para prejudicar a maior parte dos brasileiros?

Através da vivência, ainda que simulada desse período histórico, os alunos criaram suporte para compreender a ideologia de Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, que norteava o regime militar no Brasil. Essa doutrina privilegiou a instalação de empresas estrangeiras no território brasileiro, através da manutenção de baixos salários dos trabalhadores e incentivos fiscais. O que quer dizer que toda a sociedade pagava o custo da chegada destas multinacionais no país, no entanto, apenas as classes mais altas se beneficiaram dos produtos produzidos pelas mesmas.<sup>7</sup>

Os outros dois conceitos (ditadura e revolução) também dizem respeito a diferentes concepções do período de domínio militar no Brasil, abordagens que permanecem aparecendo na memória referente a este período. A opção por trabalhar com o conceito de revolução deve ser problematizada, mas é significativo para compreender a ideologia do governo militar e a sua busca por legitimação a partir do golpe efetuado em 1964.

Ambos os conceitos foram trabalhados em uma mesma aula e foram abordados inicialmente fora da temática do regime militar, para que os alunos pudessem concluir por si mesmos qual deles se aplicava melhor ao golpe militar brasileiro. O conceito de ditadura foi trabalhado em associação com sua antítese democracia, dentre as características apontadas: ditadura foi considerado um regime que desrespeita a constituição vigente, fortalece o poder executivo frente outras instancias, não realiza eleições para escolha dos representantes populares,

o poder é assegurado pela força e que não há limites para o exercício do poder. Já democracia foi considerada um poder que é legítimo por se basear na constituição, a soberania popular é representada através de eleições livres, além de um equilíbrio entre os poderes legislativo, executivo e judiciário.

Já o conceito de revolução foi discutido através de um apontamento dos próprios alunos, segundo eles ao contrário da ditadura, revolução teria um caráter positivo. De forma simplificada, revolução foi pensada como uma transformação radical que abrangeria diversos aspectos de uma sociedade.

Frente essa primeira exposição de conceitos partimos para a discussão destes em relação ao período da ditadura militar brasileira. Conforme Moreira Alves, o movimento que culminou na derrubada do governo de João Goulart, chega ao poder: "em nome da revolução que se tornou vitoriosa com o apoio da nação."<sup>8</sup> Portanto a legitimidade do golpe militar estaria afirmada no apoio da população e o poder emanaria da própria "revolução". O primeiro ato institucional seria fruto do poder constituinte, segundo o governo: "[...] inerente a todas as revoluções [...]"<sup>9</sup>. Entre outras propostas, o Alto Comando da Revolução<sup>10</sup> se propunha a restabelecer as bases da democracia abaladas pelo perigo do comunismo. Até hoje, quando se fala com algumas pessoas que apoiaram o golpe militar, elas se referem a este acontecimento como a revolução de 1964.

No entanto, na historiografia brasileira o termo cunhado para o período do Regime Militar Brasileiro é o de uma ditadura-civil militar. Dentre algumas características para se questionar o caráter democrático que se auto proclamava este regime destacam-se: o fato da chegada ao poder ter se efetuado com a derrubada de um governo eleito de forma legítima, o desrespeito à constituição vigente no período do golpe, o fortalecimento do executivo em detrimento dos outros poderes, os abusos do poder com a prisão e usos de tortura contra opositores do regime, a ausência de eleições diretas para presidente e governador, entre outras características.

Trabalhados os conceitos, não fica dúvida para os alunos o porquê da referência ao regime estudado como uma ditadura-civil militar, em vista que o período de domínio militar infringe os preceitos de uma democracia. É importante discutir que o uso do termo revolução pode se configurar em uma disputa de poder, pois para os que se beneficiaram por este regime o chamam de revolução (com um caráter positivo) já os que foram prejudicados o caracterizam como ditadura (com um caráter negativo). No entanto, o regime militar ao contrário de trazer mudanças drásticas e qualitativas para população, foi mais um mecanismo de manter e reforçar os privilégios que as classes dominantes brasileiras possuem há séculos.

## Apresentação da história oral aos alunos

A história oral consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que possam testemunhar sobre um contexto ou acontecimento que vivenciaram em suas vidas. Essa metodologia para o estudo histórico surgiu nos anos 1950, com o surgimento do gravador. No Brasil esse método se desenvolve a partir da década de 1970, através do Programa de História Oral do CPDOC, e de forma mais intensa na década de 1990, com a criação da Associação Brasileira de História Oral, assim como diversos núcleos de estudos em universidades do país e publicações acerca desta temática.<sup>11</sup>

A entrevista de história oral adquire um status de documento, assim como jornais, imagens, atas de reuniões, entre outras fontes para a história. A entrevista é armazenada em arquivos ou banco de dados e pode ser utilizada pelo historiador para ter acesso ao passado. É importante que o aluno tenha consciência que o relato oral, como as outras fontes, não nos dá acesso ao passado tal como ele aconteceu. Por isso, ainda que o entrevistado tenha esquecido certos momentos, ou que ao comparar o relato com outras fontes pareça incoerente certa afirmação. O que tem que se ter em mente é que o que se procura não é a “verdade” sobre o passado, mas como ele foi apreendido e interpretado pelo indivíduo.

Segundo Alberti, a história oral possui algumas especificidades: em primeiro lugar ela pode ser empregada apenas para temas mais recentes, o suficiente para que a memória dos entrevistados tenha alcance. No entanto, com o registro das entrevistas, no futuro teremos acesso a fontes de consulta acerca de temas não tão recentes. Outra característica desta metodologia é o fato do historiador criar o documento que irá pesquisar, o historiador tem um papel ativo como entrevistador, portanto pode realizar perguntas específicas acerca da temática ou período que pretende estudar.<sup>12</sup>

## Apresentação do trabalho aos alunos

No decorrer do estudo acerca da Ditadura Militar no Brasil, os alunos foram sendo informados do trabalho final que deveriam realizar, este trabalho centrava-se na procura de algum amigo, membro da família ou mesmo desconhecido que tivesse vivido o período que compreende a Ditadura Militar. Os alunos deveriam realizar uma entrevista de história oral procurando captar as lembranças do entrevistado acerca do período, focando nas vivências individuais. E, ao final, realizar um trabalho escrito relacionando o relato ao conteúdo estudado.

A primeira tarefa, encontrar uma pessoa que tenha vivenciado a Ditadura Militar, apesar de parecer fácil, foi um dos maiores problemas desta atividade. Muitos alunos relatavam que não possuíam membros da família com idade suficiente para lembrar algo do período. Ou então, os possíveis entrevistados não tinham lembranças que parecessem “significativas” aos olhos dos alunos.

Este é um aspecto muito interessante, pois os alunos esperavam que os entrevistados tivessem tido algum protagonismo na luta contra ditadura, tivessem vivenciado alguma situação especial de repressão, entre outras coisas. Tornou-se comum que os alunos relatassem que seus avós ou conhecidos, estavam trabalhando, estudando ou então que moravam no interior, portanto não tinham acesso a acontecimentos “importantes” do período.

Foi necessário trabalhar com os alunos, antes mesmo das entrevistas, a valorização destas histórias e memórias que possuíam em casa, mas que não davam muito valor. Os alunos precisavam compreender que as pessoas mais velhas eram uma fonte inesgotável de conhecimento, desde que soubéssemos fazer as perguntas certas para eles. Abaixo algumas indicações de perguntas que desenvolvi com os alunos:

- No período do golpe militar de 1964, você o compreendeu como algo positivo ou negativo? Atualmente possui a mesma opinião?
- O que você fazia nesse período (estudava, trabalhava...)? E morava em que cidade?
- Você se lembra se o seu salário era suficiente para suas necessidades?
- Você se lembra como eram os preços dos alimentos? E se eles variavam muito em pouco tempo?
- Esse foi o período em que apareceram alguns produtos elétricos (televisão, liquidificador, telefone, chuveiro) sua família teve acesso a eles? Em que época?
- Você ficou sabendo de algum ato de repressão da ditadura militar (prisões, tortura)?
- Você chegou a participar de algum ato de oposição ao Regime Militar? Conhecia pessoas que participavam de organizações contra o governo?
- Você acha que naquela época as pessoas podiam criticar abertamente o Regime Militar?
- Quais as diferenças que você apontaria entre este período e a democracia que vivemos hoje?

Essas questões pretendiam afastar o centro do estudo na dicotomia repressão e resistência no sentido político, abordando a estrutura econômica do período, que influenciou significativamente a maior parte da população. Também trazer ao trabalho parte da população que apoiou o golpe militar e guarda boas memórias desse período. Podendo ser realizada uma análise das diversas interpretações deste período.

### Entrega dos trabalhos e discussão em sala de aula

A apresentação dos trabalhos se deu em círculo, cada aluno realizou um breve relato de sua entrevista, abordando: quem entrevistou, como foi a experiência de realizar uma entrevista e os aspectos que lhes chamaram mais atenção do que o entrevistado relatou. Após está etapa os alunos deveriam entregar o relatório da

entrevista, relacionando as informações da entrevista com o conteúdo abordado. Os que não haviam feito a entrevista deveriam, com base na discussão em sala de aula, elaborar um texto relacionando memória e história do período militar.

Em seguida vou fazer uma análise dos principais temas abordados no trabalho dos alunos. Na tabela abaixo faço a relação dos temas trabalhados e em anexo ao texto trago uma reprodução na íntegra de alguns desses trabalhos.

<b>Relação de trabalho dos alunos</b>	
Temas mais recorrentes	Número de trabalhos que apresentava a temática (Total 21 trabalhos)
Existência de diferentes visões: uns consideravam um período positivo e outros negativo.	11 trabalhos
Miséria: trabalhava-se muito, mas boa parte da população não tinha dinheiro para suas necessidades básicas.	7 trabalhos
A existência de prisões, tortura e desaparecimentos.	12 trabalhos
Uma época muito mais segura.	11 trabalhos
Inflação	6 trabalhos
Censura e falta de liberdade de expressão.	5 Trabalhos

Quanto à existência de diferentes visões sobre a Ditadura Militar, foi recorrente entre os alunos relacionar essa questão aos conceitos trabalhados de Revolução e Ditadura. Segundo muitos dos trabalhos, existiam os que consideraram o período uma Revolução, pois era uma época muito mais segura que hoje e devido ao "milagre econômico" puderam comprar eletrodomésticos. Como destacou uma aluna: "Mas foi mais revolução do que repressão para a família dele [seu avô], pois na época, meu avô que era militar comprou eletrodomésticos, como TV e geladeira (chegada de multinacionais)." <sup>13</sup> Em contraponto aos favoráveis ao regime, segundo os alunos, havia os que consideravam este período uma ditadura, para estes era perigoso andar nas ruas, pois sem qualquer explicação poderiam ser presos, humilhados ou agredidos. Dentre estes, se destacam os comunistas e os opositores ao regime.

Apesar de demonstrar a existência de diferentes visões sobre o período, a maior parte dos alunos teve uma visão crítica, demonstrando que uma minoria estava satisfeita, mas uma grande maioria não tinha condições nem mesmo de se alimentar de forma digna. Segundo um aluno:

"Muitas pessoas acharam a ditadura boa por causa da segurança, mas é porque eles não viram o outro lado. Mesmo as ruas estando "seguras", qualquer um poderia, mesmo não tendo nada a ver com comunistas, ser pego e torturado, sem ter feito nada. A maior parte da população pode ter passado fome, mas aqueles que gostavam, são os que tinham dinheiro para comprar as coisas."<sup>14</sup>

Outros temas que se destacaram na exposição dos alunos foi o da miséria e o da inflação, condições impostas pelo Regime Militar que teria prejudicado boa parte da população. Muitos alunos relataram que seus entrevistados trabalhavam muito na época, mas o que ganhavam não dava para comprar o que necessitavam, devido a produtos com preços muito altos. A mãe de um aluno, mesmo muito pequena na época, lembrava que seu pai estava sempre reclamando do fato do preço dos produtos aumentarem toda hora. Os preços em um mesmo dia podiam variar, um aluno relatou que sua avó procurava ir bem cedo fazer as compras, porque era mais barato. Muitos alunos retrataram que boa parte da população passava fome, considerando o preço dos produtos e os mínimos salários que recebiam.

Apareceu nos trabalhos a temática da prisão e da tortura, dentro deste aspecto dois alunos relataram que seus parentes haviam sido presos, simplesmente por estarem na rua ou por falarem sobre política. Também houve duas mães de alunos, que mesmo muito jovens, ficaram marcadas pela reação da polícia a manifestações, segundo uma delas: "uma das coisas que marcou muito ela [a mãe] foi a tamanha força da polícia militar na opressão contra manifestantes, usando armas de verdade e força bruta."<sup>15</sup>

Também foi citado por alguns alunos a temática da censura, ausência de liberdade de expressão e o exílio. Segundo relatos dos entrevistados o simples fato de se opor ao regime político podia custar à vida das pessoas. Foi dito que os músicos e intelectuais não podiam se expressar livremente por causa da censura. Conforme uma aluna, seu avô não havia sido afetado diretamente pelo Regime Militar, mas sabia o que passavam muito brasileiros no período:

"Citamos inclusive músicos, literários e diversas outras pessoas de rádio e televisão que não podiam expor seus pensamentos, suas ideias e principalmente falar mal do sistema que estava vigorando por causa do golpe militar. Houve inúmeras prisões de intelectuais e outros. O pior é que tinham que se evadir do país, se exilando em outros lugares para poderem sobreviver da força militar"<sup>16</sup>

Um último aspecto a ser destacado foi à relação memória e esquecimento no trabalho desses alunos, assim como a busca por diferentes amigos e familiares que relatassem experiências diversas no período. Destaca-se aqui o texto do aluno Angelo:

"Minha avó diz que não se lembrava sobre a época e que vivia no interior de lagoa vermelha e lá as notícias não chegavam. O avô do meu vizinho não falou muito, mas disse que era muito seguro a época [...] Minha mãe não se lembra porque era nova. Na internet encontrei pessoa que era a favor e outras que não. Uma pessoa no "chat" disse que na época não era fácil e que trabalhavam muito e mesmo assim tinham pouco dinheiro. Outra pessoa no "msn" avisou-me que na época tinha receio de sair de casa, pois os militares podiam prende-lo, esta pessoa afirmou ser comunista"<sup>17</sup>

Aparece no texto o interesse em procurar as mais diversas visões sobre o período, sem uma preocupação em elencar as mais "verdadeiras" ou "falsas", apontando a compreensão de que uma mesma época ou acontecimento são passíveis de diferentes interpretações.

## Considerações finais

Considero que o trabalho com a história oral em sala de aula é positivo por diferentes aspectos. Em primeiro lugar, através do trabalho como um historiador, os alunos tem acesso a noções acerca do conhecimento histórico e acerca da metodologia da História Oral. Essa tarefa demonstra como o historiador tem acesso ao passado sempre de forma indireta, através de fontes (sejam elas orais ou não) que são vestígios do passado. Outra noção é que o conhecimento acerca do passado vai estar sempre preocupado com as questões de seu presente, nunca isolado do presente.<sup>18</sup> Quanto ao recurso da História Oral, o aluno aprende a valorizar a vivência individual de seu entrevistado, formulando questões que condizem com a realidade da pessoa.

Um segundo aspecto relevante dessa tarefa diz respeito a sua finalidade avaliativa. Como os alunos inicialmente tiveram acesso ao conteúdo histórico do período, a entrevista de história oral serve como um teste para o conhecimento aprendido. Tanto para que se elabore as questões e domine a fala que o entrevistado vai realizar. Como na tarefa de relacionar a memória com a história que foi ensinada em sala de aula. Em vista do resultado apresentado pelos trabalhos, o saldo foi positivo, pois diversos aspectos conceituais e contextuais que foram estudados apareceram no trabalho escrito.

## Anexo 1

### Trabalhos realizados pelos alunos na íntegra<sup>19</sup>

“Conversando com a minha avó, ela me disse que não participou muito desse período da Ditadura porque tinha muitas outras coisas a mais para se preocupar, mas meu avô trabalhava na CEE e nesse período os policiais chegaram invadindo esse lugar mandando todo mundo descer de onde estava, mas meu avô se escondeu porque teve medo de ser preso pelos policiais.

Até o irmão do meu avô foi preso, mas não foi torturado e foi solto pelo fato de ele não ser comunista” Bárbara Becker

“Fiz muitas perguntas para minha vó mas ela não se lembrava, então fui perguntar para minha mãe mas ela disse que não lembrava de nada, pois só tinha cinco anos mas depois ela me falou que com a ditadura os meus avós sofreram um pouco ou muito porque passaram muitas dificuldades porque o RS foi proibido de vender arroz para Santa Catarina. Só que não entendi por que?”

Minha madrinha comentou que os preços das coisas eram bem altos, então quase não dava para comprar nada e quando juntavam dinheiro para comprar o preço aumentava. Agora não sei dizer se o meu avô era a favor ou contra a ‘revolução’”  
Jéssica Cristovam Hahn

“Minha avó falou que não se lembra direito desta época, apenas lembrava que trabalhava muito e que tinha que comprar o quanto antes porque aumentava muito rápido o preço da comida.

Meu avô trabalhava muito nesse tempo. Ele gostava porque era muito seguro nas ruas.

Meu pai nesse tempo, trabalhou muito, e um dia ele e minha mãe estavam falando de política e vieram dois militares interrompe-los e os prendera, e foram soltos depois de horas” Alexia Carolina Scheffer

“Muitas pessoas achavam a ditadura boa por causa da segurança, mas é porque eles não viram o outro lado. Mesmo as ruas estando “seguras”, qualquer um poderia, mesmo não tendo nada a ver com comunistas ser pego e torturado, e até morto pelos militares, sem ter feito nada, nem saber nada. A maior parte da população pode ter passado fome, mas aqueles que gostaram, são os que tinham dinheiro para comprar as coisas. Qualquer um poderia ser militar, e então a qualquer momento você poderia acabar preso por simplesmente discordar da ditadura. Os que viram realmente o lado horrível da ditadura, carregam até hoje a lembrança de pessoas mortas ou torturadas. Teve um lado bom na ditadura, mas não compensa todo lado ruim.” Artur Veloso

“Nem todo mundo tem a mesma visão uns falam de ditadura outros falam de revolução. Para uns era bom para outros não tanto porque para uns a ditadura foi momento de evolução, do milagre econômico e para outros foi muito ruim porque eram presos, torturados e tomavam água com “xixi” como foi dito no debate. Poderiam sair na rua e não voltar mais.

Alguns modos de tortura era o pau de arara, choque, enfiar agulhas de baixo das unha. E sofrer tudo isso sem poder falar nada. Ter que entregar os amigos, porque se não iria morrer. E também pessoas que não tinham dinheiro nem para comprar comida.” Bruno Lara

“Conversei com a minha avó, e ela disse para mim que na época da ditadura, não existia liberdade de expressão. Só os militares que mandavam na cidade, eles podiam aumentar salários, para eles no caso, eles eram privilegiados.

Ela também falou que naquela época, não existiam tantos vândalos como existe hoje. Os jovens de hoje em dia que matavam aula, se fosse antes na época da ditadura seriam presos.

Ela falou que não se lembra muito, só lembrou disso.” Nathália Marinho

“Eu conversei com a minha mãe sobre a época da ditadura militar. Na época ela era criança, então não sentiu muito todo impacto. Cenas de estudantes apanhando no centro de policiais durante uma passeata e o medo que muitas pessoas sentiam de sofrer marcaram sua mente.

Nessa época meu pai que era adolescente, servia ao exército, e sentiu um pouco da repressão por não poder sair na rua sem farda. Mas foi mais revolução do que repressão para a família dele, pois na época, meu avô que era militar, comprou eletrodomésticos como, como TV e geladeira (chegada de multinacionais). E por ser filho de militar, as coisas ficaram mais tranquilas, além da segurança nas ruas que reconfortava as pessoas” Renata Lima

## Referências Bibliográficas

- ALBERTI, V. Manual de história oral.. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2004. v. 1. 235 p.
- BLOCH, Marc Apologia da História Ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). São Paulo: EDUSC, 2005. 423 p.
- FERNANDEZ, Érico Pinheiro; VILARINO, Maria da Graça de Andrade; GOMES, Rodrigo de Aguiar. História Oral: Outras possibilidades para o ensino de história. In PADRÓS, Enrique Serra et al. (Orgs.). Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar. Porto Alegre: EST, 2002. 260 p.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.
- RODRIGUES, Gabriela. Tempo presente: dimensão essencial do ensino de história. In: PADRÓS, Enrique Serra et al. (Orgs.). Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar. Porto Alegre: EST, 2002. 260 p.
- SITES ACESSADOS  
<http://cpdoc.fgv.br/>

## Notas

- 1 UFRGS. Email: isabelaberte@hotmail.com
- 2 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.
- 3 IDEN
- 4 IDEN
- 5 FERNANDEZ, Érico Pinheiro; VILARINO, Maria da Graça de Andrade; GOMES, Rodrigo de Aguiar. História Oral: Outras possibilidades para o ensino de história. In PADRÓS, Enrique Serra et al. (Orgs.). Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar. Porto Alegre: EST, 2002. 260 p.
- 6 ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). São Paulo: EDUSC, 2005. 423 p.
- 7 Para mais informações sobre essa atividade há uma descrição completa da mesma no artigo de minha autoria: Milagre econômico e suas facetas. Publicado nos Anais da XVII Jornada de Ensino de História e Educação.
- 8 “Diário Oficial da União, 9 e 11 de abr. 1964. O Ato Institucional nº 1 foi assinado no dia 9 de abril de 1964 pelo General Arthur da Costa e Silva, o tenente-brigadeiro Francisco de Assis Correa de Melo e o vice-almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald.” In: ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). P. 64 e 65
- 9 IDEN
- 10 Órgão que ficaria responsável pelo país até que um novo presidente pudesse ser eleito, composto

- por General Arthur da Costa e Silva, o tenente-brigadeiro Correa de Melo e o Almirante Augusto Rademaker. In: ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). P. 64 e 65
- 11 Informações retiradas do site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). <http://cpdoc.fgv.br/>
- 12 ALBERTI, V. Manual de história oral.. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2004. v. 1. 235 p.
- 13 Excerto extraído do trabalho de Renata Lima, aluna da Oitava Série do Colégio Instituto de Educação Flores da Cunha.
- 14 Excerto extraído do trabalho de Artur Veloso, aluno da oitava série do Colégio Instituto de Educação Flores da Cunha.
- 15 Excerto extraído do trabalho de Gustavo Ribeiro Araujo.
- 16 Excerto extraído do trabalho de Pamela Soes.
- 17 Excerto extraído do trabalho de Angelo Luis Lauro Jr.
- 18 BLOCH, Marc Apologia da História Ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- 19 Todos estes trabalhos foram realizados por alunos da oitava série do Colégio Instituto de Educação Flores da Cunha em virtude da atividade que apresentei nesse artigo.